

Tirar caca do nariz: um assunto sério (observações sobre o nariz e a compulsão de tirar seu muco)

RAYMUNDO DE LIMA*

“– Coisa boa quando tu vai tirar uma caca do nariz, bem na frente, e vai puxando e ele vai até lá o fundo do nariz. Daí tu olha e a pontinha chega a estar molhadinha ainda...” (Anônimo)

Para a ciência não há assuntos proibidos ou nojentos, para se investigar. Tirar caca do nariz ou meleca, por exemplo, é um ato trivial de todos os seres humanos e por isso também deve ser investigado. Trata-se de um ato involuntário que

começa desde criança, é mais inconsciente do que consciente, atinge bem e mal educados, que são levados pelo impulso de por o dedo no interior do nariz.



Na fase escatológica, a criança avisa a todos que vai tirar uma meleca enooorme do nariz¹. Ou ela ri do som de

seu pum. Considerados hoje maus hábitos, tais atos faziam parte da diversão das crianças de antigamente. Estes prazeres de ato tradicionalmente

¹ “Há dois meses, Júlio, 4 anos, descobriu uma nova maneira de chamar a atenção em casa: solta pum e pergunta aos pais se cheirou, ameaça dar beijos quando os lábios estão sujos de molho ou ainda avisa a todos que vai tirar uma meleca enooorme do nariz. Também pede para cheirar o pé da mãe e “saber” se ela tem chulé. “Nem sei como tudo começou. Mas ele percebeu que monopolizava a nossa atenção porque ríamos dos puns dele. Mas noto também que ele se diverte

bastante”, conta a mãe, Josimari Carvalho, 41 anos” Algumas adoram promover, por exemplo, competições entre amigos do pum mais fedido, do arroto mais alto ou mais longo. “Se um do grupo faz, rapidamente ressoa no outro. A criança percebe que as escatologias lhe dão um certo poder e vai querer também deter essa força”, explica a psicanalista Deborah Roz. (Extraído da internet).

eram compartilhados com mais de uma pessoa, crianças e adultos. Com a descoberta de Pasteur, no século 19, surge uma “moralização da limpeza” (VIGARELO, G. 1996, p.211) com publicação de manuais tanto para desenvolver bons modos pessoais, os banhos regulares (um banho morno uma vez por mês, no inverno), como o asseio das ruas e das habitações. Com o passar do tempo, uma “nova” educação irá reprimir os “vícios” manifestos em sociedade (cuspir, escarrar, peidar, mastigação sonora, arrotar), mas que sobrevivem até hoje envergonhados ou perseguidos pelos moralistas da limpeza com suas bandeiras da higiene e da civilização.

O investimento da polidez – esta virtude menor, porém necessária, diz Comte-Sponville (1996), investirá não apenas na educação dos bons modos pessoais, mas na aparência de ser bem educado em público. Mas para que o educado deixe de limpar o nariz em público será preciso ele renunciar ao prazer ou reprimir a pulsão-instinto de ser dominado impulso. Afinal, “o homem mal-educado é desagradável ao próximo” (op.cit. p.167).



Por que o impulso de tirar caca do nariz resiste à educação da polidez e o discurso racional-higienizador? Como ato mais ou menos consciente, tal gesto tornou-se um prazer solitário, semelhante à masturbação ou um ato que serve para passar o tempo, uma distração inocente. “Ele está limpando o nariz”, alguém diz. Por que a psicanálise não se interessou em investigar as causas subjetivas desta impulsão?

Cenas do cotidiano

Na espera do semáforo, vemos um motorista, sozinho no seu carro, meter o dedo no nariz. Mas se estiver acompanhado da esposa, certamente ela ralhara com ele para reprimir o ato. As mulheres são as higienizadoras do mundo: elas limpam bumbuns dos filhos pequenos e continuam vigiando a higiene dos adultos, principalmente dos seus maridos. Todavia, nem todas tomam consciência deste seu ato, até a rainha da Inglaterra foi fotografada com o dedo no nariz (vide foto).

Também os políticos, distraídos, também se rendem ao poder do dedo no nariz. Suspeito que tal ato serve-lhes de algo mais que passar o tempo, talvez ajude a elaborar o discurso.





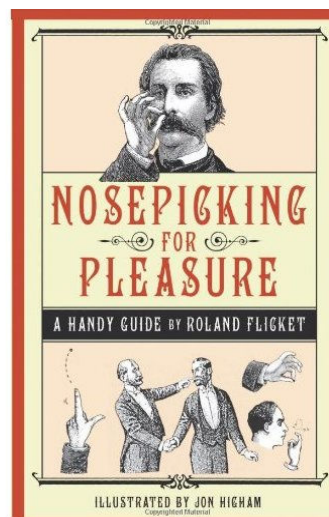
Até nobres também são flagrados pelos paparazzi.

Alguns estudos

Alguns estudos revelam que a caca do nariz nem sempre é o fator causal da compulsão do dedo tocar as narinas. Podem ser os películos que provocam coceirinha. Ou a baixa a umidade do ambiente, que resseca o interior do nariz. Pode ser a ansiedade de espera à finalização do jogo, atender celular, jogar sinuca, assistir filme no escurinho do cinema, suportar uma aula chata ou uma reunião, que produz a compulsão ao ato. Também poderia ter origem numa inocente distração adquirida na infância. Parece descartada a hipótese de o dedo ter adquirido vida própria ou ser um agente de uma entidade sobrenatural que obriga a pessoa possuída de limpar o salão. Enfim são vários os motivos que movem o ser humano para por o dedo nas narinas.

Sem analisar as causas ou motivos, o saudoso jornalista inglês que vivia no Brasil, David Drew Zingg, escreveu uma crônica de título “Tirar caca do nariz é tão divertido quanto sexo”², principalmente para os ingleses. Zingg observava que “tirar caca do nariz é um atividade em ascensão no planeta”,

porque é um passatempo mais popular do ser humano – e o mais antigo, também.



Um livro publicado, em 1996, “*Nosepicking for Pleasure – A Handy Guide*” (*Tirar caca do nariz por prazer – Um guia prático*), escrito pelo renomado rinologista Ronald Flichet, professor visitante da Brasenose College, Oxford, chega a considerar que este ato pode vir a ser uma “arte”. Isso mesmo, uma “arte de tirar, enrolar e atirar para longe” as bolinhas de muco endurecido. Também pode ser praticado por pessoas de todas as classes sociais, sexo, e até pela maioria dos deficientes físicos. Ou seja, tirar caca do nariz pode

² Folha de S. Paulo, cad. Ilustrada, 09/05/1996.

ser tão divertido quanto fazer sexo, que é um prazer com riscos de DST (doenças sexualmente transmitidas).

Para aqueles que acham que esta prática é nojenta ou anti-higiênica, fica a pergunta: o beijo também não seria nojento e anti-higiênico? Afinal são duas bocas e línguas que se sugam mutuamente, o beijo poderia ser mais anti-higiênico do que tirar meleca, porque implica na mistura de saliva

contendo milhões de bactérias e vírus? E o sexo também, dependendo se houve limpeza adequada nas partes pudendas, quem poderá dizer que a sexuação é menos nojenta do que esta distração solitária que pode ser até higiênica: limpar as duas cavidades superiores? Aliás, a expressão “limpar o salão” é boa, porque ninguém “limpa a boca” com um beijo, e nem a sexuação funciona como limpeza.



Ponto de vista médico

Como surge a meleca ou cacas no nariz? Os cílios (pelinhos microscópicos) e a secreção do nariz funcionam como filtros que impedem que micro-organismos e poeira entrem nos pulmões. Quando esta secreção fica saturada de impurezas, a meleca tem a função de aquecer e tornar mais úmido o ar que inspiramos para garantir uma respiração saudável. A consistência endurecida da meleca acontece depois de ser ressecada pelo ar que entra pela respiração.

A constatação de sujeira e bactérias no muco endurecido vai de encontro com a recomendação do médico austriaco Friedrich Bischof³, famoso

pneumologista, que entende que tirar meleca do nariz não é causa mal algum, salvo quando causa ferimento no nariz que passa a sangrar. Bischof observa que “só com os dedos é possível chegar a partes do interior do nariz que um lenço não alcança e desta maneira, se mantém o interior da fossa nasal limpo”; recomenda aos pais que animem a seus filhos com esta prática, em vez de censurá-los quando o fazem, mas o médico exagera quando diz que comer o muco reforça o sistema imunológico: “funciona como uma espécie de vacina”, diz. Será? Que pesquisas ele se apóia para fazer tal afirmação?

Quanto mais a cidade é poluída, aumenta a probabilidade de gente limpando o interior do nariz. Também cidades onde é baixa a umidade do ar, resseca a meleca que coça e não há jeito de evitar o dedo lá. Por isto que em determinados

³ Cf.: *Metamorfose Digital* - 2009. Disponível em: <http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=5222>

meses do ano, nas cidades secas, aumenta o número de anônimos nas ruas, carros, lojas e residências limpando ou se livrando do incômodo do ressecamento das narinas. Será difícil para os ricos e os da classe média tercerizarem mais esse serviço, primeiro porque a mão-obra especializada inexistente, segundo, porque o prazer é solitário e demanda urgência do ato.

Ponto de vista psico-sociológico

Então, além de ser um problema de ordem médica, tirar meleca também é um desafio para a psicologia, a psicanálise, e as ciências sociais que trata com da relação do sujeito com o cotidiano. É psicológico, porque se o hábito não for controlado pode virar em vício, isto é, a compulsão de meter o dedo no nariz pode gerar dependência tal como o efeito das drogas. Assim, durante o ato o sujeito perde a noção do tempo, e se entrega a uma relação com o órgão (o nariz) tal como ele teria na sua intimidade como órgão sexual (masturbação). É um prazer – ou gozo – do sujeito com uma parte significativa do seu corpo.

Parece que nossa sociedade criou uma paranóia higienista, daí considerar simplesmente sem-educação alguém que coloca o nariz em público. Por isso, tirar caca do nariz causa constrangimento social e um efeito negativo para quem o pratica. Apertar a mão de alguém de acaba de usar o dedo nas narinas causa aversão ou nojo.

Desde pequeno, a criança é reprimida para não por dedo no nariz. E a menina tem ainda mais outra obrigação: não por o dedo lá, na coisinha. O behaviorismo caipira dos nossos pais colocava pimenta no dedo. Ou cocô de galinha, para descondicionar este tipo de compulsão à repetição.

Mas, como um ato de rebeldia, principalmente na escola, os alunos continuam colando suas bolinhas debaixo das carteiras. No trabalho ou em casa, também há lugares secretos onde tal coleção pode ser encontrada. Portanto, é preciso investigar ou pesquisar por que a educação fracassa neste ponto?

Uma nota sobre o nariz na medicina e na psicanálise

O renomado cirurgião plástico brasileiro, Ivo Pitanguy (1993), diz ter iniciado sua experiência como cirurgião com a rinoplastia. Ele nada diz sobre tirar caca do nariz, mas elabora algumas considerações médicas sobre o nariz:

“Localizado no centro do rosto, o nariz galvaniza a atenção, a ponto de ser o primeiro traço citado na descrição física de um indivíduo. Seja ele muito comprido, espesso, aquilino, grego, arrebicado, achatado ou pontudo, é sempre notado (...). Os romanos consideravam seu comprimento um indicador da masculinidade e da virilidade. De fato, ao considerarmos a evolução do nariz e dos órgãos genitais a relação entre as proporções de grandeza não sejam propriamente obrigatórias” (PITANGUY, 1993, p. 83).

Pitanguy se lembra de Cyrano de Bergerac, que tinha o nariz excessivamente longo, o transformava em um homem feio, que não teve coragem de declarar-se à amada Roxane. Mas jamais Cyrano deixou de ter orgulho do seu apêndice nasal, porque o associava à mais nobres características de sua personalidade (e talvez, ainda, ao tamanho de seu órgão sexual). Os romanos da antiguidade consideravam o comprimento do nariz um indicador da masculinidade e da virilidade. “De fato, ao considerarmos a evolução do nariz e dos órgãos genitais vamos encontrar

certas características similares, embora a relação entre as proporções de grandeza não sejam propriamente obrigatórias” (p.81), assim alerta nosso cirurgião.

Passando para o campo psicanalítico, destaco Wilhel Fliess (1858-1928), amigo e depois inimigo de Sigmund Freud, no início de sua carreira profissional. Fliess foi considerado excêntrico porque “considerava o nariz como o órgão dominante, capaz de influências tanto a saúde quanto as doenças humanas” (GAY, 1989, p. 68). Para ele, o nariz lembra o órgão genital masculino, e pela sua tendência a sangrar lembra o aparelho sexual feminino. A ideia de Fliess de haver uma conexão entre a mucosa nasal e os órgãos genitais, não só nos pensamentos também nos sintomas, não chegou a ser um pilar teórico na psicanálise. Apesar de reconhecer um prazer infantil de usar o dedo no nariz, este ficou fora das chamadas zonas erógenas e suas fazes: oral, anal, fálica, genital. Também a psicanálise não incorporou a tentativa de Fliess de postular uma “neurose nasal reflexa”.

Ainda que a psicanálise freudiana não tenha se interessado pelo prazer nasal, porém, alguns autores recorreram a literatura⁴ para exercitar interpretações nesse sentido. Um deles, o psicanalista Fausto Motta (1984), recorre ao conto

⁴ Alerto que este ensaio não pretende dar conta do nariz, nem do espirro, olfato ou da rinoplastia, mas apenas refletir sobre a meleca. Alguns autores da literatura escreveram sobre o nariz: Gogol escreveu “O nariz”. O escritor israelense Efrain Krishon, em “Como aborrecer um guarda” (Ed. Círculo do Livro, 1988?), escreve um conto “História de um nariz”, em que um nova-iorquino diz apaixonado pela moça dona de um “lindo e pequeno nariz” que viu numa folha solta de uma revista que servia de embrulho de uma relíquia. O mesmo consegue mobilizar a imprensa e o governo para encontrá-la. Mesmo casada e com filhos, ela abandona o marido e vai para Nova York viver com seu ele.

fantástico “O nariz”, de Nicolai Gogol (1809-1852), que parece resgatar o ponto de vista dos antigos romanos: nariz equivale ao *phalus*.

Resumindo, Motta interpreta o sofrimento do funcionário público Kovalev como portador de uma neurose, projetada no sonho, cuja “angústia de castração” é o foco. Na psicanálise o Complexo de Castração é derivado do Complexo de Édipo, e Kovalev tinha uma relação mais que edípica, simbiótica, com sua mãe, Praskovia, a castradora imaginária. Possivelmente o interesse por alguma moça causou em Kovalev o choque na simbiose entre ele e sua mãe (desejo inconsciente recalado), cujo resultado foi sua impotência sexual simbolizada na perda do seu nariz (metáfora do pênis). O final feliz do conto acontece com a recuperação do seu nariz. Com ele no lugar, Kovalev também recupera seu humor, e passou novamente a cortejar as mulheres bonitas, possivelmente mais fortalecido para cortar o vínculo patológico (simbiótico) que tinha com a mãe que o impedia de usar seu nariz para conhecer melhor as mulheres e seus variados perfumes.

Concluindo...

O nariz pode ser considerado um órgão ambivalente: se estiver na medida certa passará despercebido, mas se tiver algum sinal será visto – ou mal visto. O nariz talvez seja uma metáfora do pênis. Certamente ele é um objeto de gozo a partir do dedo em fricção, em todas as idades, em qualquer época histórica e cultura. Além de ser uma porta de entrada de ar e germes, o nariz tem sido um lugar de passatempo e extração de prazer, sem custo.

Antigamente o caipira do interior de São Paulo, Minas, Sul de Mato Grosso ou norte de Santa Catarina, extraia prazer em coçar bicho-de-pé. Era uma época

que a televisão não lhe era acessível, e escutar rádio ou “causos” depois do trabalho proporcionava prazer secundário, porque o ato de coçar, coçar, coçar... o pé vinha em primeiro lugar. Na contemporaneidade higienista e educada, parece que tirar caca do nariz é mais que sintoma, é resistência inconsciente que não faz mal a ninguém.

Porém, existem moralistas e higienistas com vocação ditatorial querendo impor a proibição deste ato. Inspirados na proibição do cigarro em público, um político brasileiro está elaborando uma lei visando proibir a prática de “limpar o salão em público”. Assim, a liberdade dos tiradores de meleca está ameaçada.



Tiradores de meleca, uni-vos contra a repressão deste prazer que não faz mal a ninguém.

Referências

A POLIDEZ: virtude das aparências. Porto Alegre: L P & M, 1993.

[COMER 'CACAR' DO NARIZ É SAUDÁVEL, DIZ MÉDICO. Metamorfose Digital](http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=5222#ixzz1j3MLonUA)
<http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=5222#ixzz1j3MLonUA>. Tb:

FERNANDES, Nayara. Pode comer meleca de nariz? (opinião médica naintenet).

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GAY, Peter. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: C. das Letras, 1989.

GÓGOL, Nicolai. **O Nariz e a Terrível Vingança**. São Paulo: Max Limonad, 1986.

KRISHON, Efrain. **Como aborrecer um guarda**. São Paulo: Círculo do Livro, 1988?

MOTTA, Fausto. **Contos e lendas interpretados pela psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 1984.

PITANGUY, Ivo. **Aprendendo com a vida**. São Paulo: Best Seller-Círculo do Livro, 1993.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo**: uma história de higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZINGG, David Drew. Tirar caca do nariz é tão divertido quanto sexo. **Folha de S. Paulo, cad. Ilustrada**, 09/05/1996.



* **RAYMUNDO DE LIMA** é Mestre em Psicologia Social pela Universidade Gama Filho, Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e Professor do Departamento de Fundamentos da Educação – Universidade Estadual de Maringá (DFE/UEM).